

Existencialismo Metafísico

7 - Existencialismo Metafísico

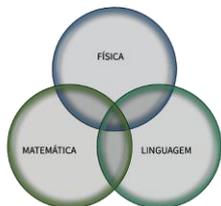
Apesar do nome pomposo, a ideia é simples. Existencialismo Metafísico trata das questões existenciais e advoga que somos apenas alma, espírito, ou consciência, ou qualquer outro nome metafísico que se dá para o “eu”. Este “eu” interage com outros “eus”, passa por regras e o dualismos para se integrar com o todo. Vamos desenvolver o termo.

Existencialismo é formado pela palavra existência e pelo sufixo ismo. Existência vem do verbo existir e dá ideia de algo real em oposição ao nada. O sufixo ismo exprime a ideia de fenômeno filosófico, literário, político, religioso, entre outros. Em nosso caso, exprime uma ideia filosófica.

A palavra existencialismo surgiu durante a segunda guerra, elaborada pelo filósofo francês Gabriel Marcel. Os trabalhos de Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Fiódor Dostoiévski e dos filósofos alemães Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Martin Heidegger tiveram influência no existencialismo. O termo foi adotado pelo francês Jean-Paul Sartre. Ele publicou o livro “O Existencialismo É um Humanismo”, em 1946, e ajudou a divulgá-lo.

Apesar de existir muitos existencialismos, o termo costuma se referir especialmente à escola de filósofos dos séculos XIX e XX. Esta escola tem em comum o pensamento que parte do sujeito, vivendo num mundo sem sentido e confuso. Depois das grandes guerras, os filósofos existencialistas mantiveram a ênfase no indivíduo, mas divergiram quanto a outros aspectos do existencialismo. Enquanto Kierkegaard era religioso, Sartre, era ateu. Aqui o existencialismo se divide em dois, um religioso e outro ateu.

Sartre foi o principal representante do existencialismo ateu. De acordo com Sartre, a existência precede a essência do ser, ou seja, primeiro existe e depois o ser determina a sua essência através das suas ações e da forma de viver a vida. Assim o existencialismo ateu era contrário ao existencialismo cristão, porque o homem era responsável por definir a sua essência e não Deus.



Existencialismo Metafísico

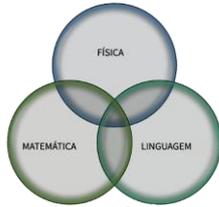
Para o existencialismo ateu, Deus não existiu. Então todo o fundamento universal desaparece. Disto origina a subjetividade da moral. Surge então um sentimento de angústia que revela a fragilidade humana. A sua responsabilidade é única perante qualquer ato. O homem tem a necessidade de se orientar e livre ação para um autoprojeto individual ou compromisso social.

Neste sentido, o existencialismo ateu é uma doutrina filosófica centrada na análise da existência e do modo como seres humanos veem sua existência no mundo. Isto é, procuram encontrar o sentido da vida através da liberdade incondicional, escolha e responsabilidade pessoal. Segundo esta corrente filosófica, os seres humanos existem primeiramente e depois cada indivíduo passa a sua vida mudando a sua essência ou natureza.

Sartre é considerado principal representante do existencialismo, enquanto o filósofo Søren Kierkegaard é considerado o pai do existencialismo. Kierkegaard, como todo religioso, acreditava em um propósito para a vida, estabelecido por Deus. Sartre advogava a ideia que apenas o sujeito pensante poderia dar propósito para sua vida apesar das intempéries como o absurdo, a alienação, a ansiedade, entre outros. O absurdo refere à falta de sentido do mundo e que cada pessoa deve ter seu próprio sentido. O existencialismo ateu ganhou vida durante as grandes guerras. Dentro das guerras é difícil ver sentido no mundo. Fora delas não.

É difícil ver sentido em guerras, porém fora delas, ao adicionar dualismos efêmeros e evolução, é possível. As guerras globalizaram o mundo. Na antiguidade, uma tribo guerreava com outra e as unificava. Depois foi a vez dos impérios unificarem povos. Se não fossem as guerras e suas unificações, nós seríamos seres tribais até hoje. Os homens viveriam em paz entre si em suas tribos, mas ainda assim viveriam em guerra com animais para sua alimentação. Em um jardim aparentemente pacífico, biólogos podem ver uma guerra pela vida. A luta pela vida está na natureza, enquanto a evolução não chega à razão.

Atualmente computadores e internet, produtos das guerras, terminaram de globalizar o mundo e as guerras não fazem mais sentido. Além disso, filósofos contemporâneos das guerras não consideram a atuação do dualismo existencial. Não



Existencialismo Metafísico

sabem explicar dualismos efêmeros como guerra e paz, ataque e defesa, espada e escudo.

Além dos principais e contraditórios existencialismos, o ateu e o cristão, há uma variedade de existencialismos.

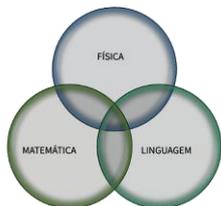
Para Martin Heidegger, filósofo alemão, a existência humana era a questão fundamental da filosofia. Entretanto ele criticava a abordagem abstrata do ser humano. Ele tentou uma análise mais concreta de uma perspectiva interna. Na sua obra “O ser e o Tempo”, o ser estava preso ao tempo. Somos seres essencialmente temporais. Sua filosofia ficou hermética até para ele mesmo. Depois ele defendeu uma linguagem mais profunda e rica para a questão. Invocou a poesia para esta missão. Ele influenciou Sartre que o sequenciou com a obra “O Ser e o Nada”.

A questão da dor também promoveu um tipo de existencialismo. O poeta e filósofo espanhol Miguel de Unamuno promoveu uma espécie de existencialismo da dor. Ele teria dito: “o que nos torna humano é o fato de que sofremos”. Ele aproxima de Buda que enfatiza o sofrimento e oferece o caminho Óctuplo para libertação.

Tetsuro Watsuji, filósofo japonês, promoveu uma espécie de existencialismo social. Ele percebeu que os pensadores ocidentais tendiam a uma abordagem individualista do homem tanto ética como existencial. Watsuji explorou a natureza humana em termos sociais, com uma comunidade maior dentro da qual existimos. Para ele, a ética não é uma questão individual, mas sim o esquecimento do “eu” em benefício de uma sociedade mais ampla.

Em Tetsuro voltamos à questão de eu-menor e do eu-coletivo. De um lado, nosso existencialismo, como o filósofo japonês, trabalha com as identidades e suas diferenças, do outro lado trabalha com as semelhanças e o todo.

Simone De Beauvoir, amante de Sartre, criticou o machismo em toda sociedade. Para ela, tanto a sociedade como a filosofia eram machistas. Ela tinha razão. Aristóteles chegou a pensar que a mulher seria um homem com defeito. A Bíblia é essencialmente machista. Deus é masculino e é retratado nas artes como um homem. Ela inovou com seu, digamos, existencialismo feminino.



Existencialismo Metafísico

De Beauvoir disse que o “eu” da filosofia era masculino e o seu par binário feminino era o “outro”. O eu filosófico era ativo e consciente, enquanto o outro era tudo o que o “eu” queria: passivo, sem voz e sem poder. Seu pensamento era uma espécie de feminismo existencial. Aí ela fazia eco com Sartre, nascemos sem essência e devemos escolher o que queremos ser. Sua reflexão sobre o feminismo tem um fundo de razão, mas seu existencialismo, como o de Sartre, não parece uma boa filosofia.

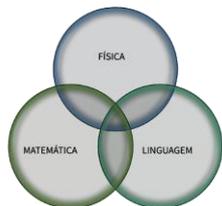
Alberto Camus, argeliano, pregou que a vida será mais bem vivida se não tiver sentido. Talvez esta vida bem vivida e sem sentido faça sentido para ele, com o perdão da redundância, mas não para nós. Ele parte de uma premissa estranha, que temos uma consciência. A questão é temos consciência ou somos a consciência? Depois ele afirma que o universo não tem sentido e critica o fato do homem pensar que a vida tem sentido. Mas com que base ele pode afirmar que o universo não tem sentido?

O filósofo e psiquiatra Frantz Fanom, em 1952, publicou a obra “Pele Negra, Máscara Branca”. Ele estudou a herança psicológica e social dos negros pelo mundo. A submissão e o sentimento de inferioridade eram grandes entre os negros perante os brancos. Para Fanom, havia um desejo entre os negros de ter uma “existência branca”, o único caminho para eles. Temos aqui o “eu branco” uma espécie de existencialismo racista.

Além de influenciar os pensadores citados, o existencialismo filosófico acabou exercendo influência na teologia, na literatura e na psiquiatria. Mas as questões existenciais ainda continuam abertas.

De onde eu vim? O que sou? Para onde eu vou? O homem, ao longo de milênios, debruçou sobre o existencialismo. Mas ele se tornou numa escola filosófica somente no século XIX. Nesta época, o filósofo Soren Kierkegaard ocupou-se com o significado da vida. Porém o existencialismo é muito mais antigo que isto. Há muito a humanidade lida com as questões existenciais.

Prova disto são os mitos. O que são os mitos senão a busca pelo significado da vida e da existência. As religiões e os mitos foram os primeiros a tentarem explicar o existencialismo. As religiões sempre pregaram nossa origem de um Criador, a partir de um mundo metafísico e nosso retorno para ele. Deus, Alá, Jeová, ou a Inteligência



Existencialismo Metafísico

Suprema criou nosso mundo, a partir do mundo dele, de um mundo preexistente, o mundo metafísico, por assim dizer.

Então temos um existencialismo tradicional religioso e um existencialismo moderno que advoga um mundo ateu e sem sentido.

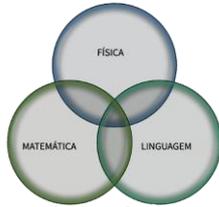
O homem em alguma fase de sua existência faz perguntas sobre a vida. Elas são denominadas questões existenciais por referir à vida e a sua existência. Há milênios religiosos, filósofos, poetas e cientistas tentam responder estes enigmas da existência. No entanto, ainda não há uma boa resposta.

Tais questões, inicialmente, aparentam infantilidade e poderia assim ser respondidas: ora, eu vim do meu pai e da minha mãe, estou aqui para viver e vou para o cemitério! Mas não, elas são perguntas filosóficas e nunca foram respondidas de modo que satisfizesse a todos.

Em regra, os mitos buscavam explicar o mundo físico através do mundo metafísico. O mundo físico era constituído de homens e o mundo metafísico era constituído de deuses que interferiam diretamente no mundo físico. Mitos de todos os povos e culturas, do passado e do presente, sempre têm o mesmo conteúdo e forma narrativa. Apenas mudam os personagens e o endereço. A temática é a mesma: a criação dos deuses, do mundo, do homem e a relação entre homens e deuses.

Os filósofos foram os primeiros a questionar estes mitos. Como havia muitas explicações míticas para o mesmo tema, pensadores passaram a desconfiar dos mitos. Os filósofos procuravam explicações naturais para o mundo. Este era chamado de cosmo e tinha sentido de ordem e racionalidade. Por isto adicionaram o termo logos ao cosmo, resultou em cosmologia: o conhecimento racional do mundo. O mito perde espaço para a razão.

Na Renascença, foi a vez de astrônomos desconfiarem das religiões, principalmente do biblismo. Copérnico, Galileu e Kepler advogavam o heliocentrismo, diferentemente da igreja que pregava o geocentrismo por causa de um episódio bíblico. Galileu teve de desdizer o que disse sob pena da fogueira santa. Para a igreja, a Terra só passou a girar em torno Sol em 1992, quando a papa João Paulo II asseverou que Galileu estava certo. A Terra não é mais o centro do universo.



Existencialismo Metafísico

Além da filosofia e da astronomia, os estudos da biologia também contrariaram a mitologia hebraica. Darwin afirmou que o homem tem o macaco como antepassado em razão do evolucionismo. Ao contrário, a igreja pregava a criação imediata e especial do homem. Hoje o homem já não é tão especial assim para a ciência.

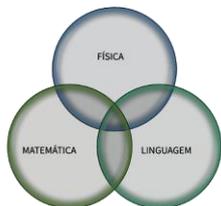
Neste sentido, a astrofísica promoveu outro existencialismo ateu. O mito da criação científica não tem um criador. Espaço, tempo e matéria são a santíssima trindade científica. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do nada existencial. Não existe a causa primeira, como explicam as religiões para a existência do universo. Os cientistas não acreditam numa ordem por trás do aparente caos, nem num mundo metafísico. Não há um propósito na vida. A existência limita-se entre dois nadas.

Assim sendo, para uma vertente conhecida como universo accidental, o universo é um acidente, a vida é um acidente e não existe um objetivo consciente por trás do que ocorre no mundo. Existimos em um cosmo despropositado, fruto de forças brutas. Somos um evento raro, não um ato premeditado, entre dois nadas.

As questões metafísicas não fazem sentido para a ciência, pois ela nega o mundo metafísico. Assim uma resposta da química para a vida poderia ser assim: somos a reunião de cerca 55% de água, 23% de carbono, 2,6% de nitrogênio, 1,4% de cálcio e 0,8% de outros elementos. A biologia poderia responder assim: somos 10 trilhões de células e mais outros 100 trilhões de seres estranhos a nós (bactérias, vírus). A física poderia dizer: somos compostos de partículas atômicas e de um grande vazio, pois a eletrosfera do átomo é cerca 100.000 vezes maior que seu núcleo. A neurologia diria: somos sinais elétricos emitidos pelos 5 sentidos.

Para a ciência, a vida é mais fácil identificar do que definir. Não existe uma definição de vida universalmente aceita pelos cientistas. Há apenas algumas características comuns a toda vida, como reprodução e sobrevivência. As ciências físicas e biológicas, neste sentido, não ajudam a resolver as questões existências e, pior, acabam atrapalhando o pensamento.

Cientistas gostam de ver a vida como reações químicas. A biologia seria uma química viva. Mas eles não sabem como é esta passagem da química para a biologia. Esta passagem da vida talvez estivesse relacionada com eletricidade. Átomos e



Existencialismo Metafísico

moléculas interagem eletricamente entre si. Forças químicas e físicas seriam responsáveis pela vida. Esta é uma perspectiva científica e mecanicista da vida. A vida é uma máquina.

A ciência e a sociedade se concentram nos 5 sentidos e acabam promovendo a ignorância metafísica. Não percebem o mundo metafísico após a morte biológica. Não percebem o mundo metafísico da matemática. Não percebem o mundo metafísico dos sonhos.

A ciência transformou a vida numa máquina sem alma. Cabe à metafísica resgatar a alma, a consciência que habita um corpo.

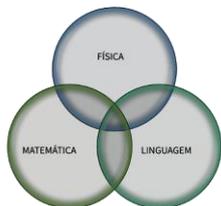
Metafísica

Metafísica, junção do prefixo grego meta e da palavra grega física. A ciência física investiga a matéria e a energia no tempo-espaço. O prefixo meta significa uma posição posterior, além, depois. Logo a ideia de além da física leva a metafísica ou a uma transcendência.

O objeto de estudo da metafísica compreende a causa primeira, o sentido da vida e a finalidade de tudo e de todos. Ela inspirou os trabalhos de Platão em sua teoria das ideias. Esta aproxima de uma teologia. Aristóteles chamava a metafísica de filosofia primeira. Ele pregava que metafísico é o estudo da causa primeira, dos princípios primeiros de todos os seres ou de todas as essências.

Metafísica é o principal ramo da filosofia se considerarmos que os outros ramos da filosofia (ética, política, estética e lógica) são objetos de estudo também da ciência e da arte, no caso da estética. Alguns cientistas renomados menosprezam a filosofia, chamando-a de inútil, outros anunciam a sua morte. Mas a filosofia sempre foi, e ainda é, um relevante instrumento do saber.

Ciência é descrição analítica e filosofia é interpretação sintética. Ciência estuda particularidades, fragmentos. Metafísica estuda o todo através da razão. Estuda todas as coisas sob a perspectiva do conceito de ser absoluto e de causalidade, buscando a causa das causas, Deus, a causa suprema de todas as coisas. É a realidade máxima. Metafísica acaba sendo uma teologia natural. Melhor, uma teologia racional.



Existencialismo Metafísico

Para a nossa metafísica e nosso sistema, há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, um mecanismo pedagógico de controle do todo. Para nosso sistema filosófico, consideramos metafísicos a matemática, a consciência, o sonho e o mundo post-mortem. A matemática, como fora explanado, é um instrumento metafísico a serviço de todas as ciências. Os sonhos, a matemática, a consciência e o mundo antes e depois da morte, nós os consideramos de natureza metafísica em outra obra de nossa lavra, “Teoria do Tudo, via Metafísica”.

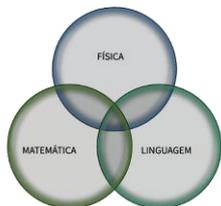
Existencialismo Metafísico

O existencialismo moderno ateu centra-se no sujeito pensador e descarta um criador. O pensamento do sujeito deve dar sentido a sua vida num mundo sem sentido e despropositado. Durante as duas grandes guerras é difícil ver um deus ou sentido na vida. No existencialismo cristão, deus dá o sentido e não o homem que busca o sentido. Este sistema prega um sujeito pensador e o Criador para dar sentido à vida.

Tais filosofias fazem eco com outros pensadores. Sócrates centrava o conhecimento também no sujeito pensador e pregava o autoconhecimento. Descartes centrava o pensamento no sujeito e disse: “penso, logo existo”.

O Existencialismo Metafísico também releva o sujeito, o “eu” como uma realidade inquestionável. Assevera um monismo absoluto de um lado, mas também advoga um “eu” coletivo, um todo, outro monismo absoluto doutro lado. Então existem duas realidades para todos nós, um mundo interno e outro externo. Para perceber e se integrar ao todo, o sujeito passa pelo dualismo existencial e dualismos efêmeros. O dualismo existencial envolve a negação e o dualismo efêmero se trata de uma infinidade de dualismos temporários, como luz e escuridão, certo e errado, criminoso e vítima, comerciante e freguês, entre outros.

Sócrates e Descartes não consideraram uma inteligência maior e buscavam o sentido racional da vida e não pessoal. O Existencialismo Metafísico vê sentido em tudo e a Inteligência suprema ou Deus, como quiserem. Esta inteligência, vamos chamá-la de “Eu-maior”, quando cria a vida, vamos individualizá-la em “eu-menor”, cria



Existencialismo Metafísico

automaticamente um “não-eu”, ou seja, cria a negação. Esta negação é vital para o ser humano, para a matemática, para a linguagem, para a lógica e toda realidade.

O “eu-maior” cria os vários “eus” e, por causa da mesma origem, eles estão conectados entre si e com o eu-maior. Então a realidade sou “eu”, um “eu-menor”, em interação com outros “eus” e com o todo. A matemática, a lógica, a linguagem e a realidade é uma entidade (números, palavras, conceitos, pessoas) em interação com seus pares para formar um todo.

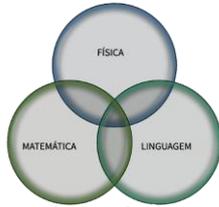
O Eu-maior, ao criar outro eu-menor, divide a realidade em dois. Daí o dualismo existencial. Ao criar outro eu, ele cria outra identidade e a negação, o eu e não-eu respectivamente. Estes eus evoluem passando por regras e dualismos efêmeros rumo à integração com o todo. As interações têm regras que buscam o bem comum, a integração. Este fluxo do universo reflete na matemática, na lógica e na linguagem que buscam nas interações um resultado, uma verdade, um significado respectivamente.

Como o eu-maior, os eus menores são metafísicos. Como o ato de criação é um ato de vontade, nós também temos esta abertura, o livre-arbítrio. Igualmente a matemática, a lógica e a linguagem, nossa realidade tem como atributos a abstração (metafísica), a evolução, a negação e a abertura (livre-arbítrio).

A ciência não tem uma resposta para a origem da negação, evolução, vontade e da abstração (metafísica), ou dará uma resposta tangencial como o acaso e as coincidências para estas realidades. A ciência nunca ousou uma resposta para uma definição do pensamento, da lógica (conceitos em interações), da matemática (números em interações), da linguagem (palavras em interações) e da vida (eus em interação).

Negando o mundo metafísico, a ciência nunca terá uma resposta definitiva para o que é a vida, quando ela começa e termina. Nunca responderão por que a matéria inorgânica se tornou orgânica, pois estas searas não pertencem ao mundo físico e sim ao campo metafísico.

Outro imbróglio científico é a consciência. A ciência também não tem uma boa resposta para o que seja a consciência e a reduz ao materialismo. Para a biologia, ela pode ser considerada um posto de comando, localizado no cérebro, onde recebe informações (sinais elétricos) do sistema nervoso. Alguns estudiosos reduzirão a mente



Existencialismo Metafísico

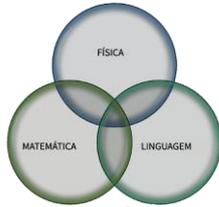
à base neurobiológica, outros a uma base cognitiva, outros ao pensamento. Para a ciência, temos uma consciência. Para nossa filosofia, somos consciência.

Vida em bases científicas sempre é reduzida a máquina, uma espécie de computador. O hardware seria o corpo, o software a consciência, o processador o cérebro, a memória RAM a memória de curto prazo, a memória ROM a memória de longo prazo, e com várias linguagens computacionais, HTML, JAVA, PHP, entre outras. O cinema pegou carona na onda científica, deu “consciência” às máquinas e um sem fim cinematográfico: Robocop, O Exterminador do Futuro, O Homem bicentenário, Blade Runner, Chapie, Eu Robô, e muitos outros.

Em base física, todas as pessoas são iguais. Todas têm cérebro, coração, fígado, órgãos sexuais, dois braços, duas pernas, dois olhos. Excepcionalmente temos a ausência de alguns deles ou a substituição por outro artificial. A diferença física está apenas em detalhes genéticos. Mas em base psíquica, as diferenças entre as pessoas são extremas e a neurologia e a psicologia não tem uma boa explicação para isto. Temos corpos iguais e mentes diferentes. Então podemos afirmar um distanciamento entre corpo e consciência. Sem a possibilidade de explicação da consciência em base científica, o encargo sobra para a filosofia. Para o verdadeiro filósofo, a consciência envolve a identidade, o “eu”.

Agora vem a pergunta: onde está o “eu”? No cérebro, alguns dirão, mais especificamente na glândula pineal. Espiritualistas afirmam ser tal glândula o ponto de contato entre a alma ou consciência e o corpo, assim com uma função transcendente. Muito se discute sobre a função desta glândula, mas ela está sempre ligada ao sono. Como advogamos em nosso sistema, os sonhos também pertencem ao mundo metafísico.

Entretanto para a ciência, a questão da consciência será resolvida em um laboratório. A vida foi uma obra de sorte e o universo é despropositado. Não pensamos assim. A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico do universo. A história é a execução de um plano natural que conduz a um progresso moral



Existencialismo Metafísico

e político da humanidade. A história universal tem um propósito cosmopolita, como queria o filósofo Kant. O progresso da ciência está atrelado a supremos interesses.

Não somos água combinado com outros elementos. Não somos o conjunto de seres estranhos a nós mesmo. Não somos um vazio ou sinais elétricos. Somos um ser e gostamos de pensar em termos metafísicos, de consciência, alma, espírito. Somos seres espirituais superiores a matéria.

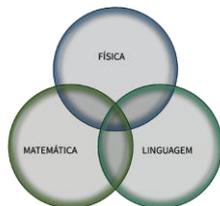
A origem única do universo convenceu as religiões, a ciência, filosofia e as artes. Tudo parece ter um começo, meio e fim. A sociedade registra o nascimento de todos os homens. Depois, sua maioridade, casamento, divórcio. No fim, o falecimento biológico. Cidades, países, animais, rios, mares, tudo tem uma história como início, meio e fim. Bom, muitos ainda não tiveram um “fim”, mas chegarão lá com o tempo. Nosso fim será a integração com o todo e não a morte, conforme explanaremos na sequência do livro.

A diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. Muitos têm uma convicção de que toda diversidade está interligada. Há uma teoria física que propõe a unificação do mundo material: a Teoria de Tudo. Outra teoria se prontificou a dar suporte à teoria final: a Teoria das Supercordas, tubos submicroscópicos de energia que vibram. Muitos cientistas defendem uma ordem por trás do aparente caos. A ordem natural permeia tudo.

A Criação foi um ato de escolha, de vontade, de liberdade. A Integração é um efeito determinista. Então qualquer existência é um ato de criação. Um carro não é um objeto incriado. Ele tem um criador. Uma flor não é algo incriado. Tudo tem um criador, seja Deus ou o homem.

Então o que somos?

A ciência acredita que somos uma máquina biológica, viemos do Nada para viver despropositadamente e voltar para o Nada. Forças cegas e sem propósito dirigem o mundo. O Existencialismo Metafísico vai discordar e responder as questões existenciais.



Existencialismo Metafísico

Quem sou eu? É questão de individualização e a negação vai nos separar do todo. Somos cidadãos comuns individualizados e cotidianamente dizemos: sou fulano, profissão tal e coisa, moro na rua x do bairro y, buscando separarmo-nos do eu-coletivo.

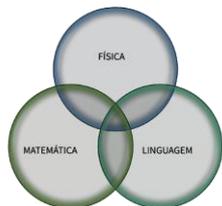
De onde eu vim? O que é sou? Para onde vou? São perguntas transcendentais e iguais para todos. Sou um ser metafísico, vindo da Criação e do mundo metafísico, usufrutuário da energia divina em evolução dentro do dualismo pedagógico, rumo à integração.

A ciência e as religiões não têm boas respostas para as questões existenciais, por isso usamos a metafísica para explicar a existência. A ideia da obra é oferecer respostas e tentar aproximar da realidade sem negar qualquer área do conhecimento, justificando a razão de existir graças a Criação.

Do ponto de vista antropológico, o homem precisa de um norte para sua vida, de sentido, de um caminho a seguir. Criação, Evolução e Integração. É possível vislumbrar tudo no universo com base nestas premissas. Do ponto de vista da unicidade de existência, as premissas são criticáveis. Do ponto de vista metafísico e da existência das múltiplas vidas físicas, as premissas são perfeitas e inquestionáveis e fica fácil dar sentido a vida. Existem dois mundos, o físico e o metafísico, nas quais a existência alterna até completar a plena integração.

Para nosso sistema, há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, mecanismo pedagógico e de controle do todo. Sem a Metafísica, o conhecimento nunca chegará a uma resposta satisfatória para o que é a vida e o universo. Nosso Existencialismo pode ajudar a solucionar dilemas filosóficos, éticos, psicológicos, como determinismo ou livre-arbítrio, inato ou adquirido, o bem e o mal, guerra e paz. Também pode ajudar a superar desafios étnicos, ter a convivência pacífica entre os diversos povos, superar o fundamentalismo religioso, conciliar lucros com as necessidades das pessoas ou até mesmo a fundar e desenvolver um novo comunismo.

O Existencialismo Metafísico advoga a Criação como causa primária do monismo, do dualismo, do pluralismo. Antes da Criação, apenas o Criador, um monismo. A inteligência maior passou pelo dualismo ao dividir a realidade. O conteúdo



Existencialismo Metafísico

da nova realidade é pluralista. As entidades deste pluralismo, em caminho inverso, passam pelo dualismo para chegar ao monismo. A inteligência suprema ao dividir a realidade passa pelo dualismo, criando a diversidade. Em caminho simétrico e inverso, cada uma das entidades do pluralismo interage com as outras e passa pelo dualismo para chegar a integração.

Religiões, ciências e as filosofias não têm explicação para a dualidade natural. As religiões podem alegar que foi a vontade de deus sem uma razão plausível. As ciências vão atribuir o dualismo ao acaso, coincidências, natureza. O Existencialismo Metafísico explica o dualismo de forma plausível e interdependente do monismo e pluralismo.

Início, meio e fim. Criação, Evolução e Integração. Viemos de um mundo metafísico e ato de vontade, atravessamos o dualismo e desenvolvemos rumo à integração plena, alternando os mundos físico e metafísico.

Por fim, o Existencialismo Metafísico acaba sendo uma metamatemática e uma metanarrativa. Uma metamatemática porque vai até origem da matemática e encontra os axiomas primordiais. Uma metanarrativa porque abarca a história humana e todo conhecimento em um único sistema. Assim ele é uma espécie de matemática primeira, filosofia primeira ou uma teologia natural.